

POTENCIALIZANDO AS FRONTEIRAS DA DISCIPLINA METODOLOGIA DO ENSINO SUPERIOR COM O APOIO DA TECNOLOGIA – RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA PRÁTICA DIFERENTE EM UMA AULA VIRTUAL

Cláudia Batista Mélo¹ e Antônio Berto Machado²

Resumo — Este trabalho apresenta uma experiência prática de uso de novas tecnologias em uma aula à distância da disciplina Metodologia do Ensino Superior, realizada no período letivo 2002.2, com alunos da Pós-graduação em Computação da UFCG. O professor, doutor em Educação, apesar de possuir alguma prática em Informática, não tinha qualquer experiência em EAD e em chats. Embora existam diversos ambientes virtuais de aprendizagem, essa experiência se passou em uma sala de bate-papo comum, com estrutura pedagógica inadequada. Contudo, ficou demonstrado que esta prática pedagógica motiva troca de experiências (alunos conhecedores da tecnologia utilizada e professor com domínio do conteúdo ministrado), funciona como repositório de conteúdo (possibilita o acesso à discussão a alunos ausentes na aula) e favorece um ambiente de aprendizagem colaborativo (construção coletiva de novos conceitos). Dessa forma, comprovamos as potencialidades dessa inovação metodológica, onde professor e alunos interagem no ensino e na aprendizagem, mediados por novas tecnologias de ensino.

Palavras chave — Educação a Distância, Internet na Educação, Metodologia do Ensino Superior, Novas Tecnologias Educacionais.

INTRODUÇÃO

Já não mais convém a discussão da utilização ou não de novas tecnologias no sistema educacional, mais especificamente o computador, nem a questão do custo serve mais como argumento para justificar a sua não utilização, a realidade é que ele está cada vez mais dentro e fora da escola. Isso ocorre devido principalmente ao aparecimento dos microcomputadores, que aliam baixo custo, grande disponibilidade no mercado, simplicidade de operação, manutenção e programação, aos sofisticados recursos para aplicações educacionais, tais como imagens, animações, efeitos sonoros, portfólios eletrônicos de ensino, entre outros [4].

Agora, a questão é saber como ficam melhor distribuídos os papéis d@educad@r e do computador no processo educacional. O tema precisa ser tratado da forma mais ampla e integrada, não se tratando apenas do uso ou não da máquina, mas também de todo o gerenciamento da informação e do aprendizado.

Este trabalho apresenta um relato de uma experiência prática diferente em uma aula virtual da disciplina Metodologia do Ensino Superior, realizada no período letivo 2002.2, com alunos da Pós-graduação em Engenharias e Computação da Universidade Federal de Campina Grande, na qual os alunos tinham total domínio da tecnologia e o professor do conteúdo.

A EXPERIÊNCIA

A vivência dessa aula virtual teve as seguintes motivações:

a) há algum tempo pensávamos em realizar uma experiência inovadora nas aulas de Metodologia do Ensino Superior – MES, de forma que envolvesse o uso de novas tecnologias;

b) a oportunidade de estar ministrando a referida disciplina para uma turma constituída, em sua maioria, por estudantes do Curso de Pós-graduação em Informática;

c) a provocação desencadeada pelo texto “Da voz à tela, a nova linguagem docente” [1].

Como a disciplina MES destina-se a discentes de Pós-Graduação, os quais, em sua maioria, têm intimidade com o mundo da informática e o acesso facilitado a terminais de micro conectados na rede, acreditamos ser possível ousar inventar e viver uma aula diferente dos modos convencionais, onde @ docente fala e @s alun@s simplesmente escutam, numa atitude de passividade, em relação ao conhecimento apresentado. Com esse intuito, a oportunidade de estar trabalhando com uma turma, cuja maioria era alun@s do Curso de Informática, favoreceu para que avanássemos da intenção à ação.

O fato de contar com um grupo de alun@s que dominava a tecnologia informacional, propiciou a condições necessárias à operacionalização da idéia. O círculo motivacional foi completado com as argumentações

¹ Cláudia Batista Mélo, Departamento de Engenharia Elétrica, Universidade Federal de Campina Grande, Av. Aprígio Veloso, 882, Bodocongó, 58109-970 Campina Grande, PB, Brasil; Departamento de Patologia, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Pernambuco, Av. Prof. Moraes Rego, nº 1235, Cidade Universitária, 50670901 Recife, PE, Brasil, Telefone: (81) 32718545, claudiamelo@dee.ufpb.br

² Antônio Berto Machado, Departamento de Educação, Universidade Federal de Campina Grande, Av. Aprígio Veloso, 882, Bodocongó, 58109-970 Campina Grande, PB, Brasil, bertomac@uol.com.br

apresentadas por Abreu [1], em defesa da transformação da sala de aula em um espaço de construção do conhecimento, tendo por base a participação interativa dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem, tomando como elemento mediador a linguagem audiovisual, enquanto potencializadora das novas interações entre discentes e docentes.

PLANEJAMENTO, EXECUÇÃO E AVALIAÇÃO

Como a Educação a Distância (EAD) deixou de ser inovação e a cada dia surgem novos projetos envolvendo a tecnologia disponível em cada momento, sabemos que atualmente existem diversos ambientes virtuais de aprendizagem disponíveis na Internet e de livre acesso para quem quiser fazer suas experiências de EAD. Entretanto, nossa experiência se passou em uma sala de bate-papo comum, sem a menor estrutura pedagógica.

Coletivamente, docente e discentes, resolvemos concretizar a idéia da aula virtual. Decidimos que aproveitaríamos o espaço de tempo destinado à reposição de uma aula, a qual estava prevista para ser realizada em um sábado, à tarde. Definido a data e o horário, estabelecemos que os participantes da aula deveriam ler, previamente, o texto de “Da voz à tela, a nova linguagem docente”. Esse texto foi escolhido por apresentar a necessidade de se transformar a sala de aula em um espaço de construção do conhecimento, tendo como suporte o uso de novas linguagens e tecnologias.

Ficou a cargo do docente todo o planejamento da atividade durante a aula virtual. Para @s alunos ficou a responsabilidade da execução. E em conjunto, professor e alunos fizeram a avaliação da experiência.

O grupo de alun@s da informática ficou encarregado de preparar o ambiente onde seria realizada a aula. Acessando à rede, abriu uma sala de bate-papo, espaço no qual, reuniram-se discentes e docente, na data e horário marcados. O objetivo maior era discutir o conteúdo do texto proposto, a partir dos vários locais físicos onde se encontravam os participantes da aula, tendo como suporte a rede. Isso propiciou a reunião em um espaço virtual (sala de bate-papo) de pessoas distribuídas em diversos espaços geográficos, além de garantir as condições para uma comunicação sincronizada.

Por não dominarmos a tecnologia da informática e sermos inexperientes quanto a esse tipo de ferramenta, enfrentamos algumas dificuldades, entre as quais destacamos:

a) a falta de um ordenamento para apresentação das idéias produzidas pelo grupo envolvido. Isso provocou um acúmulo de textos enviados, simultaneamente, dificultando o processo interacional. À medida que os textos eram remetidos em grande volume, não havia tempo suficiente para construção de posicionamentos individuais dos sujeitos participantes, frente aos textos enviados;

b) a não realização da leitura prévia do texto proposto, por participantes da aula. O fato de não ter lido o texto, contribuiu para que discentes participassem de forma opinativa, cujo posicionamento situou-se no nível do senso comum. Embora reconheçamos a importância do conhecimento de senso comum, esse tipo de posicionamento pouco contribuiu para o aprofundamento do conteúdo sugerido;

c) decorrida a primeira hora de aula, diante da reclamação apresentada por alguns sujeitos envolvidos na experiência, resolvemos propor um ordenamento, de forma que contribuísse minimamente para organização da discussão. Nesse sentido, levantamos aspectos fundamentais tratados no texto estudado e solicitamos que cada participante construísse e expusesse o seu posicionamento. Isso facilitou o processo interacional, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento apresentado. À medida que as atenções se voltavam para um aspecto destacado, as pessoas tinham uma fração de tempo maior para pensar e construir um posicionamento através de textos mais elaborados, contribuindo para ressignificar, individual e coletivamente, o conhecimento objeto da discussão, com vistas a uma apropriação mais significativa.

A avaliação foi feita presencialmente sob a forma de um debate na qual professor e alun@s chegaram as seguintes conclusões:

a) a tecnologia utilizada não é o fator mais importante no processo de EAD: com criatividade e responsabilidade, ferramentas diversas podem ser utilizadas e apresentarem bons resultados, mesmo que não tenham sido desenvolvidas com finalidades educacionais;

b) o planejamento é o responsável pelo sucesso da experiência: o processo unido aos objetivos que se deseja alcançar são muito mais importantes do que as ferramentas utilizadas;

c) flexibilidade: apesar da grande importância do planejamento, precisamos destacar que o esforço não é válido se não há interesse por parte da turma, então, cabe ao professor a tarefa de motivar os alun@s;

d) troca de experiência: aulas virtuais podem ser vistas como tendo um grande potencial para troca de experiências, no nosso caso constatamos que além do conteúdo objeto da aula o fato d@s alun@s terem um maior domínio da tecnologia que o professor fez com que @s alun@s tivessem uma grande atuação durante a aula virtual;

e) formação de um ambiente de aprendizagem colaborativo: a medida que o conteúdo era abordado pelo professor, cada alun@ dava o seu ponto de vista e muitas vezes, de acordo com as abordagens dadas pel@s colegas e pelo professor, chega a mudar de opinião em um curto espaço de tempo;

f) inversão de papéis e comportamento entre alun@s: alun@s tímids nas aulas presenciais se mostraram totalmente desinibidos durante a aula virtual e alun@s que freqüentemente são bastante atuantes nas aulas presenciais

muitas vezes pareciam que estavam apenas acompanhando as discussões e faziam poucas iterações;

g) dependência da tecnologia: alguns alun@s não conseguiram participar da aula pois tiveram problemas como falta de energia, não conseguiam se conectar a Internet naquele momento, etc.;

h) flexibilidade no que diz respeito a localização geográfica dos alunos: muitos dos alunos puderam participar da aula mesmo estando em suas cidades de origem, já que a aula se deu numa tarde de sábado;

i) repositório de conteúdo: para os alunos que por alguma razão não participaram da aula, foi gerado um documento com mais de 80 (oitenta páginas) que ficou disponível para estudos.

RESULTADOS

A realização dessa aula virtual, nos proporcionou algumas indagações:

a) por que no ensino superior, o corpo docente ainda apresenta uma série de resistência com relação a utilização de novas tecnologias no exercício da prática docente, mesmo quando essa nova tecnologia é acessível e encontra-se disponibilizada no âmbito da instituição?

b) essa resistência seria decorrente da falta de domínio dessas novas ferramentas, ou por receio do corpo docente em perder o seu controle sobre os conhecimentos a serem produzidos e apropriados pelos sujeitos envolvidos, minando as relações de poder entre docente e discentes?

Concordamos com a afirmação de que os “indivíduos suportam cada vez menos acompanhar cursos uniformes ou rígidos que não correspondem às suas reais necessidades e à especificidade de seus trajetos de vida” [2]. Isso aponta para a necessidade de uma dinamização do processo de ensinar e de aprender, o que implica ressignificar os próprios conceitos estruturantes da prática docente, tais como: conhecimento, aprendizagem, aula, sala de aula, conteúdo, metodologia, docência, docente, discente, relação docente-discente. Em outras palavras, isso nos remete a uma reflexão do currículo enquanto campo articulador da prática docente, bem como das políticas curriculares enquanto mecanismos de controle do conhecimento, sua produção, disseminação e apropriação, no atual contexto científico, cultural, social e econômico.

Nessa perspectiva, estamos intimados a construir um novo discurso que contribua para estruturação de uma nova prática docente. Para tal, faz-se necessário que tomemos como referência uma pedagogia “que favoreça, ao mesmo tempo, os aprendizados personalizados e o aprendizado cooperativo em rede” [2]. Dessa forma, a docência também tem que ser ressignificada e @ docente “vê-se chamado a tornar-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos, em vez de um dispensador direto de conhecimentos [2].

No entanto, vale ressaltar que, como demonstrei em outro trabalho [3], a construção dessa nova docência e dos novos sujeitos docentes ocorrerá no processo de confronto com os modelos existentes, não para substituí-los, mas para disputarem uma visibilidade hegemônica.

CONCLUSÕES E COMENTÁRIOS FINAIS

Contudo, ficou demonstrado que esta prática pedagógica motiva troca de experiências (alun@s conhecedores da tecnologia utilizada e professor com domínio do conteúdo ministrado), funciona como repositório de conteúdo (possibilita o acesso à discussão a alunos ausentes na aula) e favorece um ambiente de aprendizagem colaborativo (construção coletiva de novos conceitos). Dessa forma, comprovamos as potencialidades dessa inovação metodológica, onde professor e alun@s interagem no ensino e na aprendizagem, mediados por novas tecnologias de ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] ABREU, Luiz Claudio. Da voz à tela, a nova linguagem docente. Trabalho apresentado no XXIV congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande/MS – Setembro 2001. (disponível no site: <http://www.intercom.org.br/papers/xxiv-ci/np11/art-np11.html>).
- [2] LÉVY, Pierre. Educação e cybercultura. 1998. (disponibilizado no site: [wysinwyg://64/http:www.netu.unisinos.tche.br/levy/educaacyber.htm](http://www.netu.unisinos.tche.br/levy/educaacyber.htm))
- [3] MACHADO, Antônio Berto. Arqueografia da docência universitária. Porto Alegre: UFRGS/FACED/PPGEDU, 1999. (Tese, Doutorado em Educação).
- [4] MÉLO, Cláudia Batista Software Educacional Médico: uma ferramenta para auxiliar a construção de conhecimentos nas áreas da saúde. Recife: UFPE/CIN/Coordenação de Pós-Graduação em Ciência da Computação, 1998. (Dissertação, Mestrado em Ciência da Computação)